

COLONIALISMO DIGITAL: A FACE OBSCURA DO RACISMO

DIGITAL COLONIALISM: THE DARK FACE OF RACISM

COLONIALISMO DIGITAL: EL LADO OSCURO DEL RACISMO

Ignácio A. Paim Filho¹

LIVRO: COLONIALISMO DIGITAL: POR UMA CRÍTICA HACKER-FANONIANA

AUTORES: DEIVISON FAUSTINO E WALTER LIPPOLD

SÃO PAULO: BOITEMPO, 2023, 208 p.

Resumo: Esta resenha tem como objeto de interlocução o livro *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*, de Deivison Faustino e Walter Lippold (2023). Nas páginas deste livro, potente e desafiador, vamos nos encontrar com a proposição de trazer para o debate público um tema até então negligenciado nos estudos coloniais digitais hegemônicos: sua relação com racismo. Afinal, como dizem os autores, não há capitalismo sem colonialismo, e não há colonialismo sem racismo. Racismo, em especial, o anti-negro. No decorrer da construção de suas ideias, assinalam que não se trata de demonizar ou atacar o mundo informacional, mas sim, pensar como este é utilizado para manutenção das ideologias de poder instauradas pelo capitalismo, ou ainda, o neoliberalismo. Os autores problematizam a lógica do colonialismo digital, com sua forma escravocrata contemporânea, e buscam apontar caminhos para uma genuína emancipação dos povos subalternizados, em relação aos que detêm o controle da produção e execução do saber tecnológico, na sociedade informacional. Para viabilizar possíveis saídas deste cenário paradoxal e sinistro, recorrem ao pensar revolucionário de Fanon – o *canibalização anticolonial* – assimilação, transformação e criação, juntamente com o movimento do hacktivism, este que busca transgredir em busca do acesso e da construção de uma efetiva democratização que permita a tecno-diversidade.

Palavras-chave: Colonialismo digital. Racismo. Capitalismo. Hacktivism. Fanon.

Abstract: This review focuses on the book Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana, by Deivison Faustino and Walter Lippold (2023). In the pages of this powerful and challenging book, we find the proposition of bringing to the public debate a topic neglected by hegemonic digital colonial studies: its relation to racism. After all, as the authors say, there is no capitalism without colonialism and there is no colonialism without racism, especially

¹ Psicanalista, escritor, membro pleno do CEPdePA, membro titular e didata da SBPdePA. Coautor, em 2023, dos livros *Racismo e psicanálise: a saída da grande noite* e *Identificação: a imanência de um conceito*. E-mail: ignacio.a.paim@gmail.com

anti-black racism. During the construction of their ideas, they point out that it is not about demonizing or attacking the informational world, but rather thinking about how it is used to maintain the ideologies of power established by capitalism, or even neoliberalism. The authors problematize the logic of digital colonialism, with its contemporary slave form, and seek to point out ways for a genuine emancipation of subalternized nations, in relation to those who control the production and execution of technological knowledge in the informational society. To enable possible ways out of this paradoxical and uncanny scene, they resort to Fanon's revolutionary ideas – anti-colonial cannibalization – assimilation, transformation and creation, along with the hacktivism movement. This seeks to transgress in search of access and the construction of an effective democratization that allows technodiversity.

Keywords: Digital colonialism. Racism. Capitalism. Hacktivism. Fanon.

Resumen: El objeto de esta reseña es el libro Colonialismo digital: por una crítica hacker-fanoniana, de Deivison Faustino y Walter Lippold (2023). En las páginas de este libro poderoso y desafiante, nos encontraremos con la propuesta de llevar al debate público un tema hasta ahora descuidado en los estudios coloniales digitales hegemónicos: su relación con el racismo. Al fin y al cabo, como dicen los autores, no hay capitalismo sin colonialismo, y no hay colonialismo sin racismo. Especialmente racismo contra los negros. A la hora de construir sus ideas, señalan que no se trata de demonizar o atacar el mundo de la información, sino de pensar cómo se utiliza para mantener las ideologías de poder establecidas por el capitalismo, o incluso el neoliberalismo. Los autores problematizan la lógica del colonialismo digital, con su forma contemporánea de esclavitud, e intentan señalar vías para emancipar realmente a los pueblos subalternizados de quienes controlan la producción y ejecución del conocimiento tecnológico en la sociedad de la información. Para habilitar posibles salidas a este escenario paradójico y siniestro, recurren al pensamiento revolucionario de Fanon – canibalización anticolonial – asimilación, transformación y creación, junto con el movimiento hacktivista. Este pretende transgredir en busca del acceso y la construcción de una democratización efectiva que posibilite la tecnodiversidad.

Palabras clave: Colonialismo digital. Racismo. Capitalismo. Hacktivism. Fanon.

Buscamos aproximar o diálogo entre a formação técnica e a humanística, pois há um abismo teórico que perpassa os dois polos. Nos cursos técnicos falta a compreensão da dimensão humana na produção tecnológica, e nas ciências humanas passa batido o elemento básico de como funcionam e atuam as tecnologias digitais (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 27).

As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que construíram, também podem ser utilizadas para a sua aniquilação (FREUD, [1974], p. 16).

O encontro com o mais recente livro de Deivison Faustino e Walter Lippold foi e está sendo atravessado pelas mais variadas sessões de estranhamentos e sentimentos paradoxais, que suscitam um duplo movimento de atração e repulsa. A repulsa se faz pelo vasto universo que descortina, um cenário extremamente desconhecido, *o que passa batido*, uma linguagem a princípio hermética – *big techs; big data; indústria 3.0, 4.0, 5.0; ChatGPT; capitalismo informacional, supremacia quântica, redes neurais...*; por outro lado, a atração emerge com muita potência, à medida que esse novo vai entrelaçando com inéditas construções que problematizam, à luz do nosso tempo, a eterna inter-relação da ideologia colonial – hierarquização de povos, raças, gênero e classe – com o racismo, seu maior expoente de subalternização e dessubjetivação. Entretanto, ao mesmo tempo, propõe formas de abordagem antirracista e de descolonização a esse colonialismo digital. Portanto, acompanhado destas duplas sensações, guiado pelo desejo de transpor o *abismo teórico* que nos habita, desenhei algumas ideias que brotam das páginas intrigantes e insurgentes desse livro de letramento sobre o racismo digital, com sua crítica insurgente hacker-fanoniana. Crítica necessária, não somente em função do seu compromisso com luta antirracista em prol do povo negro, mas também como forma de não sucumbirmos, como humanidade, ao *aniquilamento que a ciência tecnológica* vigente vem produzindo. Neste cenário zumbi, temos a expropriação do nosso próprio inconsciente, com seus conflitos entre desejos e proibições, em benefício do *inconsciente digital*, colonizado por desejos alienantes: “[...] manipulação intencional da condição humana a partir dessas tecnologias com vistas à ampliação da acumulação de capitais” (p. 165).

Entre os múltiplos modos de abordagem desse universo enigmático, carregado de estranhezas, que transita pelo *Dilema das redes, Acumulação de dados, Psicopolítica e Descolonização tecnológica*, circunscrevo minha narrativa² a alguns dados, a respeito dos algoritmos, visando a sublinhar sua presença no racismo de nossa vida virtual/real cotidiana. Afinal, como dizem os autores, há um silêncio ensurdecedor e, acrescento, assustador, a respeito do racismo no mundo digital, mas além da universalização da *condição negra* (MBEMBE, 2018), destino que vem sendo traçado pelos postulados capitalistas

²Essa expressão merece um breve esclarecimento. O dito “minha narrativa” esconde e revela uma meia verdade, na medida em que a construção desta resenha é produto de um tecido, que ora discrimina, ora não discrimina, a minha voz das múltiplas vozes que irrompem das letras que compõem este livro.

e neoliberais: as particularidades entre a invisibilidade e a hipervisibilidade do racismo antinegro no mundo informacional. Suas ponderações caminham no sentido de que, se há uma colonização digital, faz-se necessário trabalhar sobre como e de que forma a racialização se apresenta – a face obscura do racismo.

No transcorrer desse escrito que se propõe a olhar, escutar e fazer falar essa nova ordem social, do *humano cibernético*, os autores nos apresentam, de forma pontual, um diálogo profícuo com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que problematiza, entre outras questões, o empobrecimento das subjetividades no mundo governado pelo imperialismo das mídias digitais: neoliberalismo e suas hodiernas tecnologias, geradoras de infinitas possibilidades de dominação e exploração. Diante dessa concepção, estabelece proposições de como se operacionaliza essa lógica digital – *o panóptico digital* – na arquitetura da *Sociedade do cansaço*, da *Sociedade do desempenho* e da *Sociedade da transparência*. Neste cenário vigora a presença de excesso de positividade em detrimento da negatividade, com seu potencial de gerar diferenças, tensões necessárias para produzir desacomodações no “inferno do igual” (HAN, 2017, p. 74), que remete à *Agonia de Eros* (HAN, 2017). Essa forma de ser e estar no mundo, que essas sociedades apresentam e representam, materializa o insano trabalho orquestrado pela branquitude, com seu brancocentrismo, com suas lógicas extrativistas.

Em sua jornada antialienante, em relação ao colonialismo digital, Faustino e Lippold advertem, com pensamentos firmes e ousados, que é uma ilusão, com um futuro sombrio, mantermos a quimera de uma neutralidade tecnológica. Assim sendo, reafirmam que não há capitalismo sem colonialismo, como também não há colonialismo sem racismo. Toda essa tecnologia, em sua grande parte, é criada, desenvolvida e alimentada com dados, pelo povo branco do norte global, que carrega consigo, de forma bastante viva, seu legado colonial, seu racismo estrutural e seus desdobramentos na “forma social escravista” (SODRÉ, 2023, p. 49). Tal *modus operandi* é reconfigurado – novas roupagens para velhas histórias de opressão – instrumentalizando uma informática de dominação, perpetuação da função colonial na tecnologia. Nesse processo estabeleceu-se um *apartheid digital*, que visa a dificultar a tecnodiversidade decorrente das potencialidades dos mais diferentes povos em produzirem e reproduzirem suas próprias tecnologias: “Mulheres, negros, povos originários são orientados a se contentarem com a condição de usuários das soluções criadas pelas *big techs*” (SODRÉ, 2023, p. 18). Essa referida orientação – consumidor e usuário – ou, ainda, determinação microscópica, de forma macroscópica está posta para todos os países que estão sob o jugo do *capitalismo marginal*. Seguindo nessa rota, os autores demarcam que a ideologia que dominou o universo digital foi a que brotou do cerne das corporações do Vale do Silício. Portanto, referendam os pensadores da *ideologia californiana* (Barbrook e Cameron), que afirmam: “Nesta democracia jeffersoniana³ de alta tecnologia, a relação entre senhores e escravos resiste sob uma nova forma” (SODRÉ, 2023, p. 171). Isso gera reflexão sobre a potência catastrófica do identitarismo branco, agora, no colonialismo digital. O antropocentrismo do povo branco eliminando, de forma devastadora,

³ Essa expressão remete às proposições de Thomas Jefferson, que construiu a ideia de liberdade do branco às custas da escravidão do povo negro: “[...] o negro é um humano, mas antes de tudo é uma propriedade, e o direito à propriedade não poderia ser violado” (SODRÉ, 2023, p. 171). Seguindo este pensar temos que essa democracia segue, de Jefferson ao nosso tempo, a serviço das ideologias que visam a manter o poder neocolonial, assentado em princípios escravocratas.

RESENHAS

as diferentes singularidades, o saber tecnológico a serviço da manutenção dos seus princípios de universalidade, num mundo sem fronteiras.

Visando a fazer um corte mais vertical na relação colonialismo digital versus racismo, na vida cotidiana do povo negro, destaco o contexto material no qual são forjados os algoritmos, criando racialização codificada, ou ainda, racialização digital. Essa referida codificação, com seus marcadores raciais, está presente em reconhecimentos faciais, nas concepções estéticas racistas em bancos de imagens digitais, na hipervisibilidade de homens negros como violentos e mulheres negras hipersexualizadas... Este cenário, onde a magnitude do elemento racial se faz presente, é produtor e reproduzidor de microagressões nas plataformas digitais.

Esse breve apontamento sobre algumas das muitas questões, densas, intensas e complexas, trabalhadas pelos autores para caracterizar a problemática do colonialismo digital, com seus imperativos escravocratas, foi abordado visando a uma aproximação com o que julgamos ser seu interrogante e proposição fundamental: o que fazer diante de um mundo guiado e estruturado pelos pressupostos digitais, com suas proposições coloniais e racistas? A resposta parte de uma assertiva: “Nesse esforço, não se trata de refutar ou adorar as tecnologias, mas de colocar a ciência e a tecnologia a serviço da emancipação” (SODRÉ, 2023, p. 185). Para viabilizar tal processo, recordam e convidam a refletir sobre as ideias de Fanon, sendo ele um dos pioneiros em anunciar a necessidade de uma descolonização da tecnologia da comunicação. Fanon sustentava que a solução não estava na recusa, como também não estava na aceitação passiva do imposto pelo colonizador; propunha o que chamou de uma *canibalização anticolonial* (SODRÉ, 2023, p. 188), objetivando caminhar em direção a uma humanidade desracializada. Como um dos rastros do seu pensar visionário e sublevado, em seu livro de 1961, nos deparamos com a seguinte intimação: “O Terceiro Mundo hoje põe-se diante da Europa como uma massa colossal cujo projeto deve ser tentar resolver os problemas para os quais essa Europa não soube trazer soluções” (FANON, 2022, p. 326). Nesse sentido, assinalam os autores, a ideia de *soberania digital*, posta no Marco Civil da Internet, é um fator fundamental.

É na esteira do pensamento do antirracista radical, do autor de *Condenados da terra* (FANON, 2022), que Faustino e Lippold propõem o diálogo deste com o hacktivismo anticapitalista, tendo como um dos mediadores, nessa encruzilhada, a *massa colossal*. Este movimento representa, entre muitas funções, uma luta desviante – livre afluxo ao conhecimento – que busca formas de apropriação criativa popular de tecnologias, em especial a digital. Nesse sentido, temos nas palavras/convocação de nossos autores um tomar para si a responsabilidade pela ruptura do eurocentrismo e luta pela tecnodiversidade.

Estamos num momento-chave da história humana, em que a crítica e ação descolonizadora devem criar uma interface com o hacktivismo. Assim, devemos pesquisar e ensinar uma história da tecnologia que rompa com o eurocentrismo reinante: partindo dos conceitos de tecnodiversidade e cosmotécnica de Yuk Hui, é possível fundamentar a crítica ao pseudouniversalismo eurocêntrico (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 189).

Novos tempos, novas tecnologias, as velhas lógicas coloniais sofrem transformações e novas configurações, mas mantêm imutável seu compromisso com a hierarquização dos povos – sendo emblemático, desse processo, a

interminável racialização do povo negro. O colonialismo digital, ícone maior do nosso tempo, vem cumprindo de forma extremamente eficaz e inaudita sua função de fortalecer, perpetuar e ampliar os laços seculares entre: capitalismo – colonialismo – racismo. Diante dessas constatações, o livro *Colonialismo digital* cumpre um papel importante, não somente de denúncia da *face obscura do racismo*, mas também com meio pelo qual podemos e devemos nos implicar na luta antirracista: descolonizar, desracializar, descapitalizar entre utopias e distopias visando à desconstrução do “devir-negro do mundo” (MBEMBE, 2018, p. 20).

REFERÊNCIAS

- FANON, F. *Condenados da terra*. Trad. de L. F. Ferreira e R. S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- FREUD, S. Futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21)*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1974].
- HAN, B.-C. *Agonia de Eros*. Trad. de E. P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Trad. de S. Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SODRÉ, M. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023b.